

Violinos contra Máquinas de Guerra



Foto Jornal Público

Uma estrada estreita de terra batida, ladeada por um bosque entrecortado por pequenas plantações agrícolas. Na estrada, uma pequena ponte, que se ergue um pouco acima do ribeiro que atravessa a aldeia. Ao fundo, uma casa de madeira, não mais do que três divisões. Na primavera, o alaranjado da estrada e o castanho da madeira misturam-se numa combinação perfeita, apenas observável nas manifestações da natureza.

O pequeno pátio de pedra onde Ela brinca, foi feito pelo seu pai. O telhado de colmo, frágil mas eficaz, serve de abrigo à pequena família.

Pai, mãe e filha vivem longe da cidade, mas sonham lá ir um dia. Haverão de partir como quem parte para uma expedição. O Pai tem conseguido juntar algum dinheiro que ganha no seu trabalho de carpinteiro, e que pensa com esse objectivo. Ela sonha um dia poder viajar até à cidade, e embora nunca tenha verbalizado o seu desejo, o Pai sabe que Ela fantasia muito acerca dessa viagem.

Desde criança, quando a avó que vive na casa ao lado não lhe dá tarefas para fazer, Ela toca o seu violino castanho. Enquanto toca, balança o seu corpo em movimentos laterais. Neste instante, o violino, o corpo e melodia são

indistinguíveis, como se fossem elementos de um todo que se confunde com a paisagem.

Como a Aldeia era pequena, não mais que dez casas, sempre que Ela tocava, todos podiam ouvir. Alguns paravam as suas tarefas, apontando os ouvidos em direcção à musica, como que atraídos por uma espécie de encantamento.

- Lá é preciso pagar para assistir a este tipo de concertos- dizia um dos poucos afortunados que já tinha visitado uma cidade.

Através da música, Ela e o seu violino, tornavam a dura vida da Aldeia mais fácil de suportar.

Ela cresceu sempre a sonhar que a voz do seu violino haveria de percorrer o Mundo inteiro como um eco das suas emoções. Ela sabia que a arte, tal como as emoções, fala uma linguagem Universal, que é acessível a todos, e que pode transformar, unir, dividir ou deixar qualquer pessoa a questionar-se.

Aprendeu isso ainda era criança, quando tocava sabendo que todos na Aldeia a ouviam. Percebeu cedo que a arte é como um grito que nunca desvanece.

Hoje, tal como quando era criança, o Mundo é o palco onde Ela e o seu violino continuam a fazer-se ouvir. Independentemente da dureza da vida e da recente guerra, sente-se feliz e em paz. O sonho não morreu e Ela continua a ser, e sabe que sempre será, a sonhadora menina do violino, como lhe chamavam na Aldeia dele.

Ele também tinha sonhos. Desde criança que trepava árvores com uma agilidade que impressionava quem assistia. Sempre que o fazia, imaginava ser o herói dum

livro de aventuras. Sabia que era o mais forte dos rapazes da sua Aldeia. Sentia-se orgulhoso, porque sabia que os outros o olhavam com um misto de desdém, medo e inveja.

Mas os seus sonhos de menino não se concretizaram. Agora vê-se forçado a lutar pela vida dentro de uma Armadura de Metal que o condena a ser um dos mensageiros da tortura, terror e destruição. No interior desta armadura, o cheiro característico do metal frio sobressai por entre o emaranhado de fios, botões e alavancas. É uma máquina complexa, de uma complexidade bruta e pesada, que nada se compara com a leveza e simplicidade da madeira e das cordas de nylon de um Violino.

Ela não o conhece. Antes de hoje, os seus caminhos nunca se cruzaram. Ela com o seu instrumento musical, Ele com o seu instrumento de guerra. Ambos são mestres da sua arte de manusear instrumentos.

Ela nunca tinha imaginado enfrentar uma máquina de guerra, muito menos apenas com o seu violino. Até hoje.

Quando Ele a vê, esboça um sorriso, algo que não fazia há muito. É um sorriso de surpresa e espanto, perante a destemida figura feminina.

Ele não sabe, mas Ela sempre soube, que os acordes que saem do seu violino são como pássaros que acariciam o ar, capazes de aligeirar o coração dos mais duros. Nesse instante, Ele sente ainda mais o cheiro do metal frio, o peso da escura atmosfera do interior da armadura de metal, o poder da sua força e destruição, anunciados por um ronco ensurdecido. Dá por si a pensar:

- Será isto o medo?

Um frio percorre-lhe o corpo. Sente-se assustado e confuso, como quando em criança caiu do castanheiro a que tinha subido sem a mãe saber. Lembra-se da família. O medo torna tudo tão nítido.

Dá-se conta que dentro da sua armadura só existe passado e presente. Imagens do menino que brincava, o violino castanho do seu pai, a chiadeira da máquina de costura da mãe quando suturava os seus calcões gastos de subir às árvores.

De súbito, as memórias apagam-se. No seu lugar, o ronco ensurdecido da armadura de metal, os pedais que a travam ou lhe dão velocidade, fazem-lhe lembrar a bicicleta improvisada feita pelo avô, o mesmo que passava horas a descascar a madeira com a qual fazia mesas, cadeiras e as armadilhas com as quais caçava pássaros apenas para lhes admirar a beleza das penas, e de seguida sentir a alegria de os libertar.

Por entre os roncões, fios, alavancas e o cheiro intenso a metal, deu por si a pensar como o medo foi capaz de o fazer viajar a um passado onde o medo não existia, a não ser quando a mãe descobria que tinha rasgado os calcões gastos de subir às árvores. A dureza da vida da sua aldeia preparou-o para se sentir duro, mas não para enfrentar o medo com valentia.

A vida dela também foi difícil. Quando o professor de música lhe ofereceu o violino que o seu pai nunca poderia comprar, a sua mãe tinha acabado de morrer. Durante um ano não pegou nele.

Um dia, retirou-o da mala preta que o transportava. O cheiro intenso a pó fê-la ter medo que a oferta do professor tivesse sido em vão. Quando começou a tocar,

tentou imitar o canto do canário amarelo da avó. Não conseguiu. Lembrou-se das palavras do professor, quando lhe dizia:

- A arte é sempre inspiradora, e isso permite-nos ver o futuro de forma diferente.

Quando a Guerra começou, Ela sabia que as armaduras de metal, que cuspiam bolas de fogo, haveriam de chegar, plantando as sementes do medo e da destruição que perdurariam durante várias gerações.

Tocou o seu violino, pensando que a linguagem universal da música poderia despertar a linguagem universal das emoções de quem vai aos comandos das armaduras de metal.

O professor estava certo.

O que Ela não sabia, é que dentro da sua Armadura, ele desejava regressar à sua infância, onde não existiam rancos nem estrondos, apenas a melodia harmoniosa do violino do seu pai.

Ela sempre soube que a sua música haveria de ecoar pelo mundo inteiro. Ele sempre quis ser como o sue pai, tocando violino ao Domingo de tarde. Quando o questionavam porque tocava respondia:

- Apenas para me ouvir tocar.

Ambos sabem que os violinos são como máquinas do tempo, transportando alguns em direcção ao passado, enquanto a outros os faz outros sonhar com futuros alternativos, onde os destinos desejáveis se impõem perante a inevitabilidade dos que são possíveis.

A partir de hoje, entre Ele e Ela, existe uma espécie de fio invisível que os une para sempre, e que vai tecendo as malhas do tempo. Ele sente uma espécie de desencantamento com o Mundo, e por isso procura o farol do passado, onde a história se constrói com a tinta da memória, conduzindo-o de volta à felicidade da sua infância.

Ela procura um futuro diferente daquele que se avizinha, onde os seus sonhos de menina continuem a ser metas que se podem alcançar. O seu desejo é encontrar a linha invisível que une todas as pessoas, algo que seja mais do que um medo luminoso do qual se foge, que possa ser como uma espécie de perfume da infância, da paz e da felicidade.

Ambos são viajantes do tempo, que se cruzaram apenas por um instante, até ao qual foram conduzidos pelo silêncio das coisas invisíveis. A eternidade deste instante não poderá jamais ser alterada.

Talvez as linhas do Espaço e do Tempo do Soldado e da Violinista se voltem a cruzar, em tempos de Paz, porque não se pode permitir que os estrondos das Máquinas de Guerra soem mais alto do que a melodia que sai dos Violinos.

Rolando Andrade

Violins against War Machines



Photo Jornal Público

A narrow dirt road, flanked by woods interspersed with small agricultural plantations. On the road, a small bridge rises a little above the stream that runs through the village. In the background, a wooden house with no more than three rooms.

The orange of the road and the brown of the wood blend together in a perfect combination that can only be seen in the Spring manifestations of nature.

The small stone courtyard where She plays was built by her father. The thatched roof, fragile but effective, provides shelter for the little family.

Father, mother and daughter live far from the city, but dream of going there one day. They will set off like someone on an expedition. The father has managed to scrape together some money that he earns from his job as a carpenter, and is thinking ahead. She dreams of one day being able to travel to the city, and although She has never verbalized her desire, her father knows that She fantasizes a lot about such a trip.

Ever since she was a child, when her grandmother who lives next door doesn't give her chores to do, She plays her brown violin. As She plays, She sways her body in lateral movements. At that moment, violin, body and melody are indistinguishable, as if they were elements of a whole that blends in with the landscape.

As the village was small, no more than ten houses, whenever She played, everyone could hear her. Some of them stopped their chores, pointing their ears in the direction of the music, as if drawn by a kind of enchantment.

- There you have to pay to attend this kind of concert - said one of the lucky few who had ever visited a city.

Through music, She and her violin made the harsh life of the village easier to bear.

She grew up dreaming that the voice of her violin would travel around the world as an echo of her emotions. She knew that art, like emotions, speaks a universal language that is accessible to everyone and can transform, unite, divide or leave anyone wondering.

She learned this as a child, when she played knowing that everyone in the village was listening. She realized early on that art is like a cry that never fades.

Today, just as when She was a child, the world is the stage where she and her violin continue to make themselves heard. Regardless of the harshness of life and the recent war, She feels happy and at peace. The dream hasn't died and she still is, and knows she always will be, the dreamy Violin Girl, as they called her in his village.

He also had dreams. Ever since he was a child, He had climbed trees with an agility that impressed anyone who watched. Every time he did it, He imagined he was the hero of an adventure book.

He knew he was the strongest boy in his village. He felt proud because he knew that the others looked at him with a mixture of disdain, fear and envy.

But his boyhood dreams didn't come true. Now He is forced to fight for his life inside a Metal Armor that condemns him to be one of the messengers of torture, terror and destruction.

Inside this armor, the characteristic smell of cold metal stands out among the tangle of wires, buttons and levers. It is a complex machine, of a crude and heavy complexity that is nothing like the lightness and simplicity of the wood and nylon strings of a Violin.

She doesn't know him. Before today, their paths had never crossed. She with her musical instrument, He with his instrument of war. Both are masters of their craft.

She had never imagined taking on a war machine, let alone with just her violin.

Until today.

When He sees her, He smiles, something he hasn't done for a long time. It's a smile of surprise and amazement at the fearless female figure.

He doesn't know, but She has always known, that the chords coming from her violin are like birds caressing the air, capable of easing the hearts of the hardest.

At that moment, He smells the cold metal even more, the weight of the dark atmosphere inside the metal armor, the power of its strength and destruction, announced by a deafening rumble. He finds himself thinking:

- Could this be fear?

A chill runs through his body. He feels frightened and confused, like when he fell as a child from the chestnut tree he had climbed without his mother knowing. He remembers his family.

Fear makes everything so clear.

He realizes that inside his armor there is only the past and the present. Images of the little boy playing, his father's brown violin, the squeak of his mother's sewing machine as she stitched up her worn-out jeans from climbing trees.

Suddenly, the memories fade. In its place, the deafening rumble of the metal armor, the pedals that brake it or give it speed, remind him of the improvised bicycle made by his grandfather, the same one who spent hours peeling the wood with which he made tables, chairs and the traps with which he hunted birds just to admire the beauty of their feathers, and then feel the joy of setting them free.

Amid the rumbling, wires, levers and the intense smell of metal, He found himself thinking about how fear was able to make him travel to a past where fear didn't exist, except

when his mother discovered that he had torn his worn-out shorts climbing trees. The harshness of his village life prepared him to feel tough, but not to face fear with bravery.

Her life was tough too. When her music teacher gave her the violin her father could never afford, her mother had just died. She didn't pick it up for a year.

One day, she took it out of the black suitcase that was carrying it. The intense smell of dust made her fear that the teacher's offer had been in vain. When she started playing, she tried to imitate the song of her grandmother's yellow canary. She couldn't. She remembered the teacher's words when he said to her:

- Art is always inspiring, and it allows us to see the future differently.

When the war began, She knew that the metal armor, which spat fireballs, would arrive, planting the seeds of fear and destruction that would last for generations.

She played her violin, thinking that the universal language of music could awaken the universal language of the emotions of those at the controls of the metal armor.

The teacher was right.

What She didn't know was that inside his armor, He longed to return to his childhood, where there were no snores or bangs, only the harmonious melody of his father's violin.

She always knew that his music would echo around the world. He always wanted to be like his father, playing the violin

on Sunday afternoons. When people asked him why he played, he replied:

- Just to hear me play.

They both know that violins are like time machines, transporting some into the past, while making others dream of alternative futures, where desirable destinies impose themselves in the face of the inevitability of what is possible.

From now on, between him and her, there is a kind of invisible thread that binds them forever, weaving through the meshes of time. He feels a kind of disenchantment with the world, so He looks for the beacon of the past, where history is built with the ink of memory, bringing him back to the happiness of his childhood.

She is looking for a future that is different from the one that lies ahead, where her childhood dreams are still achievable goals. Her desire is to find the invisible line that unites all people, something that is more than just a bright fear to run away from, something that can be a kind of perfume of childhood, peace and happiness.

They are both time travelers, who have only crossed paths for an instant, to which they have been led by the silence of invisible things. This instant's eternity can never be altered.

Who knows if one day the fate of the Violinist and the Soldier will cross again, and together they will be able to play the Violin that releases the eternal melody able to end all wars.

Rolando Andrade